

A escrita crítica de Walter Benjamin: uma perspectiva alegórica

Por Jander de Melo Marques Araújo
(mestrando em Teoria Literária na UFRJ)

As alegorias são, no reino dos pensamentos, o que as ruínas são no reino das coisas. (BENJAMIN, 1984:28).

A reflexão sobre a alegoria acompanhou o escritor Walter Benjamin (1892-1940) em seu exercício de retomada da crítica como forma (gênero). Suas ideias sobre a teoria do alegórico estão presentes, sobretudo, no importante livro chamado *Origem do Drama Barroco Alemão*, finalizado em 1925, porém, recusado como tese de livre-docência na Universidade de Frankfurt. Neste estudo - publicado em 1928 - o autor alemão identifica a alegoria como elemento principal na representação de mundo do Barroco, procurando valorizar esse conceito e contrapondo-o ao de símbolo. Examinando a alegoria em função do drama barroco, Walter Benjamin enfatiza a diferença deste em relação à tragédia clássica. O diferencial desta obra está em colocar a alegoria como atingindo a própria natureza da obra literária. E é a partir do drama barroco alemão que nosso autor trabalha esta ideia.

Gostaria de mostrar como a forma alegórica - e não a simbólica - indica-nos uma perspectiva através da qual Walter Benjamin desenvolve tanto as suas críticas, quanto as próprias reflexões sobre o próprio papel (procedimento) do crítico. A perspectiva alegórica, portanto, é a opção para me aproximar da escrita crítica de Benjamin.

Os românticos foram os últimos que de fato valorizaram a crítica como arte. Neste aspecto, Benjamin se identifica com alguns pensadores deste movimento, como Friedrich Schlegel e Novalis. Porém, espacial e temporalmente, a crítica não podia ser a mesma. Benjamin reinscrevia o método de reflexão crítica numa modernidade que matava o sujeito

clássico e reinterpretava as obras de arte. A crítica benjaminiana, neste contexto, não tem como caminho de interpretação o símbolo.

A palavra *símbolo* é a junção de *sym* (conjunto) com *ballain* (lançar, colocar). É tida como uma forma que busca a imediaticidade interpretativa. Transpondo isto para a obra crítica, a forma simbólica busca uma eternidade e totalidade de sentido no objeto artístico criticado.

Ao contrário do símbolo, a alegoria, como forma interpretativa, aprofunda-se quando da leitura crítica da obra de arte, porque está sempre tentando construir imagens renovadas das obras artísticas. Imagens nunca acabadas, mas sim sempre abertas e passíveis de novas interpretações. Creio que Benjamin se movimenta criticamente para este sentido.

O símbolo, com a sua visão totalizadora do real, não se mantém na era capitalista moderna, em que a existência de uma obra de arte não se enquadra na harmonia e na universalidade clássica. "Se o símbolo lembra a harmonia de uma natureza redimida, ele resplandece só durante o tempo de um relâmpago [...]. Duplo fulgor no tempo, mas também na compreensão: o símbolo ilumina como um raio". (GAGNEBIN, 2007: 35).

Há uma segurança ilusória na expressão simbólica. Uma pressuposição do símbolo de poder se expressar num movimento ascensional que é contrário às condições da modernidade, nas quais se realiza, de fato, um movimento de desagregação e declínio (KONDER, 1989:28). O símbolo, assim, dá lugar à alegoria.

Porém, apesar desta questão do tempo histórico, o qual Benjamin criticava, penso que o método crítico dele transcende o temporal, embora responda também ao tempo no qual nosso autor viveu. A sua maneira de criticar não era apenas devido ao momento em que vivia, mas à percepção de que as camadas de sentido de uma determinada obra só continuariam a existir se nos dispuséssemos a trocar a imediaticidade do sentido da obra, vista pelos clássicos como uma totalidade simbólica, por um "dizer o outro" em que cada coisa e cada relação poderiam significar outra. "Dizendo o 'outro', potenciando seu momento 'alegórico' é que a literatura se tornava mais artística, mais verdadeira. A alegoria não era, portanto, para Benjamin, uma figura ocasional da Retórica, mas a essência mesma do literário." (KOTHE, 1976: 95). A reafirmação ou reabilitação da forma alegórica como "modelo crítico" respondia a esta essência que o símbolo não conseguia abranger.

A alegoria não busca o aparente. Esta é sua grande crítica ao símbolo. Sua redução à simples relação entre aparência e essência. Do que as coisas significam e o que de fato elas são.

Sendo *allos*, outro, e *agorein*, falar, em grego, a visão alegórica não é evidência e não pretende a totalidade. Há na alegoria uma desvalorização proposital do mundo aparente. Desta maneira, Walter Benjamin diz com sua crítica alegórica que a desintegração contínua inerente à realidade impossibilita a visibilidade das camadas de sentido em uma obra artística, caso se parta de uma visão unívoca, de totalidade, ou seja, de uma interpretação simbólica da obra. Não há um juízo único na obra de arte. Existem múltiplos sentidos que poderiam, por exemplo, partir de uma primeira leitura do crítico, para depois se ressignificar numa segunda leitura desta crítica pelo leitor.

O crítico alegórico quer tornar aberta a obra, da qual tomou partido, até para aquele que lerá sua crítica. No seu modo de criticar as obras de arte, Benjamin "abre a sua própria leitura, isto é, não se apresenta como uma palavra final, como um juízo fechado, mas sim como um anagrama, aberto para ser lido e completado por cada leitor (reproduzindo assim o seu ato de interpretação e inserindo-o em um processo de potenciação, como que abrindo o 'trabalho de leitura' num movimento de desdobramento- 'des-obramento'- infinito." (SELIGMANN-SILVA, 1999: 214).

Walter Benjamin é um crítico com uma visão alegórica porque, além da questão básica do emprego de imagens em suas críticas, ele arranca determinados temas da obra analisada a fim de interpretá-los alegoricamente. Utilizando a alegoria como parábola explicativa, ou seja, pensando alegoricamente de modo que um certo conjunto de elementos evoque outra realidade, nosso Autor transcende as análises das obras de arte, em vigor até então, fazendo com que as camadas de sentido destas se abram diante da evocação de outras realidades. Abertura contínua para construção de outras relações possíveis nas obras de arte.

Algumas destas características, por exemplo, podemos observar num trecho de seu ensaio sobre Marcel Proust, de 1929. Observemos como as imagens-alegorias em Walter Benjamin surgem de forma envolvente e original.

[...] se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura [a de Proust], temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como um peso da rede anuncia sua presa ao pescador. O odor é o sentido do peso, para quem lança sua rede no oceano do *temps perdu*. E suas frases são o jogo muscular do corpo inteligível, contêm todo o esforço, indizível, para erguer o que foi capturado. (BENJAMIN, 1996: 49).

E, ainda, em seu estudo sobre Franz Kafka, de 1934, definindo imagetivamente as personagens também alegóricas do autor tcheco.

Nenhuma de suas criaturas tem um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja ou subindo ou descendo, nenhuma que não seja intercambiável com um vizinho ou inimigo, nenhuma que não tenha consumido o tempo à sua disposição, permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo tempo no início de uma longa jornada. (*idem, ibidem*: 143)

Walter Benjamin é assim um alegorista. Segundo Rouanet, "o que a tentativa de Benjamin tem de temerário é que não consiste em usar a imagem para dissolver o pensamento na imediaticidade do pré-conceitual [...], mas em pensar por imagens, como o alegorista, chegando ao mais abstrato através do mais concreto. [...] Assim, através das imagens, Benjamin não pretende substituir o pensamento relacional, mas abrir ao pensamento a possibilidade de entrar em novas relações". (ROUANET, 1987: 114).

Por sua vez, se Benjamin por um lado compõe e destaca imagens do interior da obra de arte, por outro, também o faz em sua autorreflexão como crítico. Eis uma delas num texto do final dos anos vinte chamado *Programa da crítica literária*:

Uma imagem do que crítica é: transpor plantas do jardim da arte na terra estranha do saber para compreender atentamente as mudanças de cor e as modificações da forma que vêm à luz nelas neste local. O mais importante é o pegar delicado, o cuidado que levanta a obra com as suas raízes e que então eleva o terreno do saber. O restante vem naturalmente, pois os méritos estão na própria obra. (BENJAMIN *apud* SELIGMANN-SILVA, 1999: 197).

E outra interessante imagem do fundamental ensaio *Afinidades Eletivas de Goethe* (1922), que, alegoricamente, nos conduz ao conceito de crítica de arte do escritor alemão.

Se se comparar a obra crescente a uma fogueira em chamas, então o comentador está frente a ela como o químico, o crítico como o alquimista. Enquanto para aquele madeira e cinzas permanecem os únicos objetos de sua análise, para este a chama mesma guarda um enigma: o do vivo. Assim, o crítico pergunta pela verdade cuja chama continua queimando por cima das achas pesadas daquilo que foi e das cinzas leves do vivido. (BENJAMIN *apud* GAGNEBIN, 2007: 45).

Haja vista as considerações, concluímos que o pensador Walter Benjamin, como crítico-alegorista, para poder se expressar, recorre constantemente à alegoria. Diz uma coisa sabendo que ela também pode ser remetida a outros níveis de significação. Há, por isso, uma potencialidade na interpretação alegórica em poder traçar analogias entre elementos das obras e elementos externos a elas. Uma possibilidade de desvendar outro discurso, subjacente àquele julgado mais superficial. Em suma, como diz tão bem Sergio Paulo Rouanet, "o alegorista arranca o objeto de seu contexto. Mata-o. E o obriga a significar. Esvaziado de todo brilho próprio, incapaz de irradiar qualquer sentido, ele está pronto para funcionar como alegoria. Nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo diferente, transformando-se em chave para um saber oculto". (ROUANET, 1984: 40).

Referências:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Sérgio Paulo Rouanet (trad.); Jeanne Marie Gagnebin (pref.). 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. [10ª reimpr., 1996]

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Sérgio Paulo Rouanet (tradução, apresentação e notas). São Paulo: Brasiliense, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Alegoria, Morte, Modernidade. *In: História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007. [2ª reimpr. da 2. ed. de 1999]

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campos, 1989.

KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

ROUANET, Sergio Paulo. Benjamin, o falso irracionalista. *In: As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

------. Apresentação. *In: BENJAMIN, Walter. Origem do Drama Barroco Alemão*. Sérgio Paulo Rouanet (tradução, apresentação e notas). São Paulo: Brasiliense, 1984.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo: Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo: Iluminuras, 1999.